

Da imobilidade à realização: os passos de uma trajetória de criação

CHRISTINA CUPERTINO*
SONIA REGINA BASSI GIANETTI**



RESUMO – Esse artigo aborda a identificação e o desenvolvimento de talentos, e a possibilidade de transformação de identidade. Por meio de um estudo de caso, descrevemos a trajetória de uma artista plástica talentosa e reconhecida pela comunidade, que foi vítima de poliomielite na infância e vive há 29 anos confinada a um leito de hospital. A apropriação e o desenvolvimento de habilidades são analisados a partir de depoimento obtido através de entrevistas, e de referencial teórico sobre identidade e metamorfose, o papel da arte na constituição da subjetividade e a atualização de potenciais.

Descritores – Altas habilidades/superdotação; transformações da identidade; criatividade.

ABSTRACT – This paper discusses talent identification and development and the possibility of identity changes. In this case study, we describe the path of a talented artist recognized by the community, who was victimized by poliomyelitis in her childhood and has lived in a hospital bed for 29 years. Appropriation and development of abilities are analyzed based upon interview statements and the theoretical rationale on identity and metamorphosis, the role of Art in subjectivity building and potential updating.

Key-words – High abilities/giftedness; identity changes; creativity.



INTRODUÇÃO

Alencar e Fleith (2001, p.172) diagnosticam, de forma pertinente, a situação atual do portador de altas habilidades no Brasil:

* Doutora em Psicologia, professora e pesquisadora da Universidade Paulista, coordenadora do Programa Objetivo de Incentivo ao Talento.

** Psicóloga, psicoterapeuta de Transtornos Obsessivos Compulsivos na Universidade de São Paulo. *Artigo recebido em: novembro/2004. Aprovado em: janeiro/2005.*

Educação

[...] o que foi salientado há mais de duas décadas por Pfromm Netto (1979, p. 25-26) continua muito próximo à nossa realidade nos dias atuais: o problema da pesquisa, identificação e educação adequada de crianças e jovens superdotados só muito limitadamente conseguiu sensibilizar as autoridades governamentais e a opinião pública.

A experiência vivida por eles sempre foi e ainda é difícil numa nação na qual essa questão vem sendo acintosamente desconsiderada, a despeito das boas intenções. Esse trabalho aborda esse tema pela perspectiva da transformação de identidade, a partir do talento e da discriminação. Tem como objetivo esclarecer alguns aspectos – pessoais e sociais – que podem favorecer o desenvolvimento de talentos, mesmo em condições extremamente desfavoráveis

Para atingir esse objetivo, realizamos uma pesquisa qualitativa, estudo de caso, visando compreender em profundidade a experiência vivida. A pesquisa qualitativa não procura enumerar ou medir os eventos estudados, nem emprega instrumental estatístico na análise de dados. Parte de questões ou focos de interesse amplos, que vão se definindo à medida que o estudo se desenvolve. Envolve a abstração de dados descritos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender o fenômeno, segundo as perspectivas dos participantes da situação. O estudo de caso, por sua vez, é uma modalidade de pesquisa na qual se analisa em profundidade uma unidade de estudo, que pode ser um indivíduo ou uma situação, afirma Godoy (1995).

NOSSO “SUJEITO” DE PESQUISA

O relato aqui apresentado acompanha a vida de Elaine¹, portadora de severa deficiência física, que a vem mantendo atada a uma cama de hospital há 29 anos, e de como a descoberta do talento foi importante para transformar e dar significado para a sua existência.

Elaine tem 30 anos de idade e está internada no Hospital das Clínicas desde criança. Quando tinha um ano de idade, foi vítima de poliomielite e, como consequência da doença, ficou tetraplégica e perdeu todos os movimentos, só lhe restando como meio de comunicação a boca e o mo-

Educação

vimento dos olhos. Ela não movimenta braços nem pernas, e permanece o tempo todo deitada. É auxiliada por respiração artificial, e requer, portanto, os cuidados de uma unidade de terapia intensiva. Para sair do hospital, Elaine necessita de cama especial e aparelho de respiração, em ambulância com equipe especializada. São tantas dificuldades, que suas saídas são raras.

Sua oficina de trabalho foge dos moldes tradicionais: não é um ateliê de pintura, é seu próprio quarto e sua própria cama. Ela não se levanta da cama para pintar. Esse quarto, situado no 1º andar do Instituto de Ortopedia do Hospital das Clínicas de São Paulo, algumas horas do dia transforma-se numa oficina de arte, lugar no qual Elaine produz os belíssimos quadros que pinta com a boca. Tem uma professora de pintura, e voluntárias do hospital a auxiliam, colocando o pincel em sua boca, segurando a tela, pegando tintas, pincéis. É um trabalho que exige esforço e perseverança, confirmando o que diz Guenther (2000, p. 14), “uma das características mais envolventes do talento humano é sua permanência”.

PROCEDIMENTO

Após uma série de contatos pessoais e de observações, foram feitas duas longas entrevistas com Elaine, que foram transcritas e analisadas, buscando compreender como ela vive seu dia a dia e como lida, a um só tempo, com sua incapacidade e com seu talento. Procuramos também conhecer o lugar do talento em sua vida: como surgiu e como passou a constituir sua identidade. A exposição que se segue apresenta nossas reflexões e as de teóricos que falam de identidade, estigma e desenvolvimento de talentos, temas que são o pano de fundo para entender o desenvolvimento de Elaine e às transformações por ela vividas. Em seguida passamos aos excertos dos relatos de Elaine que evidenciam sua transformação e as bases mais significativas de tais mudanças.

Robert Musil (1989, p. 14), em “O homem sem qualidades”, recupera o sentido da realidade como fonte de possibilidades, e a importância dos que carregam consigo a atitude de transcender, desde o princípio, essa mesma realidade:

Educação

Se existe senso de realidade, tem que haver senso de possibilidade. [...] É a realidade que traz possibilidades, e nada é mais errado que negar isso. Mesmo assim, no total e na média serão sempre as mesmas possibilidades repetidas, até chegar uma pessoa para a qual a coisa real não signifique mais que o imaginado. Será ela quem dará sentido e destinação às novas possibilidades, que há de provocar.

É justamente por entender o homem como um ser de possibilidades, que consideramos importante caminhar no sentido de compreender como é que essa escolha aconteceu e o que levou Elaine a ser quem ela é e fazer o que faz. Ciampa (1984, p. 60) comenta que:

Nascemos para começar e só somos humanos porque passamos por uma 'metamorfose humana', isto é, uma progressiva e infundável concretização histórica, do vir-a-ser humano, que se dá sempre como superação das limitações das condições objetivas existentes em determinadas épocas e sociedades.

Recuperar essa trajetória individual pode iluminar aspectos que permitam uma ação mais deliberada de outros pais ou cuidadores, no sentido de favorecer o reconhecimento e o desenvolvimento de outros talentos.

IDENTIDADE COMO METAMORFOSE

Uma das características mais marcantes do ser humano é que não existem duas pessoas iguais, cada indivíduo é único. Segundo Ciampa (1984, p. 58):

É dentro de um processo ininterrupto de socialização que o indivíduo produz o mundo e a si próprio, ocorrendo então a formação da identidade. Porém falar de identidade é falar de si sem esquecer o outro e de como este outro contribui para que eu seja quem sou e me reconheça diferente dele.

Mesmo sendo únicas, as pessoas não são idênticas a si mesmas ao longo de toda a sua existência, (p. 60), "identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto, é metamorfose, é transformação. Não é permanência nem estabilidade. São possibilidades de diferentes configura-

Educação

ções. É pelo fazer e pelo agir que alguém se torna algo. Nós somos nossas ações”.

É dentro dessa perspectiva que procuraremos esclarecer a superação vivida por Elaine na direção de assumir e atualizar seu talento, configurando, a partir da imagem a ela atribuída, de deficiente, uma outra forma de ser e ser vista, remando contra a maré da cristalização, que funciona, segundo Ciampa (2001, p.163), “[...] como se, uma vez identificado o indivíduo, a produção de sua identidade se esgotasse com o produto. [...] Daí a expectativa generalizada de que alguém deve agir de acordo com suas predicções, e conseqüentemente, ser tratado com tal”.

A identidade não é um traço estático. Constitui-se na ação, no trabalho, na capacidade humana de não se resignar e fazer projetos, sonhar (p. 154) “são personagens que vão se engendrando umas às outras pelo agir e pelo dizer. [...] personagens que vão se constituindo umas às outras, no mesmo tempo que constituem um universo de significados que as constituí”.

É no enfrentamento e na superação das dificuldades objetivas e das representações socialmente atribuídas que se vê a grandeza de alguns seres humanos, sempre nascendo e renascendo na tarefa de viver.

IDENTIDADE E ESTIGMA

Estigma é um termo que foi criado na antiga Grécia. Naquela época, como agora, era um recurso usado para discriminar pessoas: sinais corporais como cortes, marcas a fogo pelo corpo, impressos com o propósito de avisar que tais pessoas eram traidoras, criminosas, escravas, etc. A palavra estigma é eminentemente depreciativa. Tomou-se o estigmatizado como protótipo do banido social. É aquele que é colocado à margem da sociedade por quem precisa sentir-se ‘normal’.

Para Goffman (1982, p. 80), “o termo estigma seria usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem”.

Educação

Sempre que a palavra estigma nos vem à mente, pensamos que tal pessoa estigmatizada está fadada a uma triste existência, a ser infeliz e carregar sua dura vida eternamente, enfim uma pobre criatura. Ainda segundo Goffman (1982, p. 82):

As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos, na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano.

O portador de incapacidade física é um estigmatizado. Existem limitações em sua vida, que trarão sérias dificuldades em todos os momentos. É uma pessoa como outra qualquer, porém é um ser raro e incomum, sempre atraindo a atenção e, muitas vezes, despertando temor e espanto.

Muitas vezes, o portador de necessidades especiais depara-se com sua realidade e questiona-se: Quem sou eu? Que tipo de pessoa sou? Falta-lhe autoconfiança e passa a viver ansiosamente, preocupado com sua excepcionalidade. Ele precisa aprender sobre si. Adaptar-se à situação, alcançar uma compreensão daquilo que é importante e merece ser buscado. O problema é como aceitar as limitações sem sucumbir a elas, aceitar a própria incapacidade e a si próprio. Acreditar que mesmo sendo uma pessoa diferente, é um ser de possibilidades e pode fazer escolhas.

Segundo Goffman (1982, p. 92):

As pessoas que têm um estigma particular, tendem a ter experiências semelhantes na concepção do eu, uma carreira moral semelhante, que é não só causa como efeito do compromisso com uma seqüência semelhante de ajustamentos pessoais. Uma das fases desse processo de socialização é aquela na qual a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos normais, adquirindo, portanto, as crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma idéia geral do que significa possuir um estigma particular. Uma outra fase é aquela na qual ela aprende que possui um estigma particular e, dessa vez detalhadamente, as conseqüências de possuí-lo. A sincronização e interação dessas duas fases iniciais da carreira moral formam modelos importantes, estabelecendo as bases para um desenvolvimento posterior, fornecendo meios de distinguir entre as carreiras morais disponíveis para os estigmatizados.

Educação

Portadores de desvantagens físicas podem desenvolver métodos especiais para eliminar a distância e o tratamento cauteloso que provavelmente receberão. Eles podem tentar chegar a um plano mais pessoal no qual seu defeito deixará de ser um fato crucial, um processo árduo, uma abertura de caminho.

Segundo Seligmann (1994, p. 76):

A noção de identidade permite o entendimento das suas transformações, mediadas pelas experiências do trabalho que se efetivam ao longo da vida. Essas transformações podem ser positivas, isto é, fazer-se no enriquecimento da identidade ao máximo de seus potenciais, o que teria uma conotação de vitalização, ou seja, de acréscimo igualmente positivo à saúde.

O contrário também pode acontecer, diz Samsaulieu (apud SELIGMANN, 1994, p. 84):

As vivências laborais podem conduzir também ao sentido contrário: às perdas que se fazem ao nível da identidade e que irão corresponder a um empobrecimento de personalidade e, em consequência, também da sociabilidade. Empobrecimento significa, aqui, perda de uma plenitude ou de um grau de desenvolvimento que já havia sido alcançada na trajetória pessoal.

A CRIAÇÃO ARTÍSTICA COMO CAMINHO PARA A ALTERIDADE

Através da arte, o ser humano cria, se sensibiliza, se expressa, se comunica com seus semelhantes, se humaniza. Consegue reencontrar-se com o mundo, com os outros seres humanos, com as coisas, consigo mesmo, numa reunião harmônica.

Segundo Giles (1989, p. 126), “a arte não é primeiramente beleza nem criação, é, sim a revelação do Ser”. Não estaremos, assim, falando da obra de arte no sentido estético tradicional, mas como modo de ser do ser humano: a arte como uma forma de existência, já que, por poder apreender a virtualidade, o ser humano é um sonhador. Imagina algo, espera coisas, deseja e dá forma para isso. Dá forma para aquilo que não

Educação

existe ainda, mas que poderá existir, concretamente ou como simples possibilidade.

O artista pega seu material e cria algo. Codifica, portanto, uma mensagem, tornando o que era virtual real. Giles (1989, p. 128) diz que “a obra de arte não requer apenas ser criada, o que é um produzir que coloca o ente em aberto, [...], mas também o revela como conservação no sentido de os homens entrarem na obra de arte e por ela na abertura do ente”.

O ser humano é capaz de abstrair através da memória e por meio de símbolos, é capaz de ligar o passado ao presente, gerando associações que enriquecem gradativamente a consciência, a imaginação, os pensamentos. Ao dar livre curso às expressões, às imagens internas, a pessoa, ao modelá-las, transforma a si mesma. A pintura, o desenho e toda expressão gráfica ou plástica, bem como a música e dança, compõem um conjunto valioso de instrumentos que auxiliam o ser humano a organizar sua ordem interna, permitindo-lhe reconstruir a realidade que o cerca.

Lowenfeld (1961, p. 540), abordando especificamente a arte como expressão de deficientes, diz que “a arte criadora pode ser um grande incentivo para dominar fisicamente uma situação difícil e também pode constituir um meio de descarga emocional para muitas frustrações que se produzem no deficiente”.

DA IMOBILIDADE À REALIZAÇÃO: O CAMINHO DE ELAINE

Elaine foi criada no hospital desde um ano de idade, quando esteve entre a vida e a morte. Somente há dois anos atrás criou coragem para perguntar aos pais o que tinha se passado desde que ficou doente, recuperando uma história que tinha ficado obscura até agora.

Quando ficou doente, a família buscou ajuda e, mais que isso, alguém que se responsabilizasse por Elaine, portadora de uma deficiência incurável. Diz ela que, “na fase, naquela fase de entre a vida e a morte, eles vinham mais, aí depois quando foi estabilizando, aí foi...”.

Tenta justificar o abandono, “[...] não é que eles não queiram vir é que eles moram longe...”. Mas reconhece que eles não conseguem lidar

Educação

com a sua situação, [...] também, **é difícil lidar com a situação**, muito difícil, eu sinto até hoje isso neles, como eu descobri há pouco tempo que o meu pai não consegue lidar com a situação, por isso que ele não vem direto. [...] ele sempre dá uma desculpa de que ele está pescando, que ele está com dor nas costas, que não agüenta mais viajar, enfim, mas não é isso, pode ter tudo isso, mas não é... [...] eu só sei que ele, embora não fale, sei que ele carrega uma grande culpa e para tirar isso dele? Não tira, não tira. [...] Hoje o meu relacionamento com ele é uma coisa muito distante” [grifos nossos].

Para Elaine, é mais difícil entrar em contato com a omissão da mãe, “[...] pra minha mãe eu ainda não perguntei nada. Vai. Eu percebi que vai ser mais sofrido [...] não gosto nem de lembrar, me desculpe, eu não gosto nem de lembrar, eu senti que eu tenho que dar um tempo”.

Considerando que a filha estava atendida, os pais foram aos poucos se afastando dela, deixando-a aos cuidados dos funcionários do hospital, que foram os seus ‘outros significativos’, auxiliando em seu processo de socialização, “foram médicos, atendentes de enfermagem e as terapeutas ocupacionais, **amigos que foram chegando do nada muitas vezes...**” [grifos nossos] Ou dificultando: “[...] então, às vezes, é difícil você ter quinhentas mães, quinhentos pais com opiniões diferentes e não saber quem obedecer e como obedecer, e cada um quer educar da sua forma, e você não ter uma educação de pai e mãe mesmo. É totalmente diferente, totalmente”.

Os vínculos importantes foram criados com as pessoas que se destacaram mais, como por exemplo, a tia Leni e o Dr. Fábio, relações que são descritas por Elaine como muito carinhosas, num relato que emociona, “[...] mas têm pessoas que marcam até hoje. Tem a Leni, que até hoje eu ainda chamo de tia Leni e o Dr. Fabio... A Leni era atendente de enfermagem. Quando eu era pequena era aquela criança calada, só respondia com a cabeça e ela foi se aproximando de mim e com isso fui me abrindo, começando a falar, a conversar, isso foi quando eu era muito pequena, tinha mais ou menos quatro anos de idade e isso me incentivou a muita coisa. Então **para mim ela é a minha ela é a minha verdadeira**

Educação

mãe até hoje. Ela está aposentada, mas vem toda Páscoa, Natal, Ano Novo, liga no meu aniversário” [grifos nossos].

O médico Fabio é alguém que lhe dá atenção até hoje, “o Dr. Fabio, além de ser uma pessoa muito bonita fisicamente, ele é isso também no interior. Ele é um médico de verdade, ele é humano. A gente brincava muito. Ele não se aposentou, ele pediu a conta. Isso foi uma grande perda. Mas até hoje eu ligo para ele, ele vem visitar, acompanha a gente nos passeios, porque eu sempre preciso de um médico para me acompanhar, e vários momentos, vários. [...] Esta semana, por exemplo, ele veio direto porque ele me deu uma fórmula para emagrecer. Liguei para ele direto, eu tive umas reações então liguei direto. **Então eu falo: Tio, e ele responde: “Lili. Fala Lili”, então eu falo**” [grifos nossos].

O afeto dessas pessoas provoca a saída do fechamento em si mesma, intimando-a à abertura. Da segurança instituída, Elaine arrisca um olhar para si mesma.

No início, não compreendia sua condição limitada, “[...] quando era criança não me conformava [...], questionando sua condição de ser diferente, porque? Me fala uma coisa: porque uma pessoa está me ensinando a escrever com a boca se ela escreve com a mão? Sabe, não tinha caído a ficha. Eu não compreendia, quando você é criança não compreende.[...] Para que estudar? Na época era outra professora, a professora vinha, era tão lindo, com o caderno e cheia de lápis, teve uma vez que eu empurrei tudo para o chão e abri o berreiro a chorar”.

Elaine relata as dificuldades que a deficiência física acarretava, “[...] no início eu achava que nunca ia chegar onde eu estou hoje [...] por exemplo, a pessoa me ensinando como fazer, ensinando o que ela estava fazendo com a mão tão fácil. Eu falei: Caramba! Prá você é fácil. Você está fazendo com mão, agora, vai fazer com a boca!”

Necessita totalmente de outras pessoas, “[...] eu não sei o que é andar, eu só sei o que é depender dos outros e ser humilde para pedir qualquer coisa que seja” [grifos nossos]. A dependência tira a privacidade e a expõe, como num reality show, “eu falei para o Pedro², se nós fôssemos lá [no Big Brother, reality show transmitido pela TV], nós tiraríamos isso de letra, por que, **a todo instante nós somos vigiados e é horrível.** Nós não temos privacidade” [grifos nossos].

Educação

Poder contar com os outros faz a vida dela melhor, “eu gosto quando a tia pega a bacia e coloca minha mão na bacia, principalmente em época de calor, que a água está fresquinha, não gosto gelada, fresca, aí eu vou lavar a mão que está suada”. E esse reconhecimento vem permitindo que se apoie em quem a cerca, fazendo o que acredita que tem que fazer – pintar, “comecei a pintar num caderno espiral. Às vezes até queria o grande, sabe, mania de grandeza, [...] **me esforçava ao máximo pra conseguir desenhar uma folha inteira grande**, uma folha sulfite. [...] Enquanto você é criança, vai fazendo aquilo mais por distração, também era uma forma de descobrir o que é que você pode fazer, porque eu não sabia o que eu poderia fazer” [grifos nossos].

Elaine só pode realizar seus trabalhos com o auxílio de outras pessoas, “[...] eu sempre dependo de alguém, não que precisa ajudar a pintar. Precisa por o material e estar do lado para qualquer momento que eu precisar. É virar o quadro, é colocar mais tinta, é pegar outro tipo de pincel, é lavar, é trocar a água, é tudo. **Sempre tem que ter alguém**, sempre tem que ter”.

E o trabalho permite que tome consciência de como seu talento flui, “eu não sabia que tinha isso. Então eu fui descobrindo, eu fui descobrindo através das flores, das meninhas e menininhos, **o dom da criança me vem**”.

O incentivo dos que a cercam é valorizado por ela, desde que descobriu que podia desenhar, “[...] tudo começou com um caderno de desenhos, tudo começou daí, né, aquela coisa de principiante mesmo, de como fazer as coisas com a boca e ser útil de alguma forma [...] a primeira flor todo mundo achava linda, só eu que não, mas **eu sabia que mesmo não estando linda para os outros, era uma forma de incentivar: continue, você vai chegar lá**, entendeu, é isso” [grifos nossos].

Sua habilidade foi se consolidando, “**descobri que eu gostava mais ainda, que não era só hobby, não era só distração**, também não era só para ganhar dinheiro. [...] e hoje eu vejo a arte na minha vida um desafio, cada quadro é um desafio, e quanto mais difícil melhor, quanto mais detalhoso é melhor, eu adoro detalhes, gosto de minúcias” [grifos nossos].

Educação

E procurando caminhos e possibilidades de atualização, “[...] então, **você procurar adaptações** [...] ela tem uma técnica com a mão, tem movimentos que precisam ser feitos na tela que não dá. Consigo, mas eu tenho uma dificuldade muito grande, por exemplo, fazer reflexo na água, é um movimento de vai e vem com a cabeça e a tinta seca muito rápido, tem que fundir uma na outra para dar aquela nuance, pra você ver que realmente está refletindo a árvore, está refletindo o céu, está refletindo o pôr-do-sol na água, então[...] **é muito gostoso ao mesmo tempo. Antigamente era meio frustrante** [grifos nossos].

Reconhece o prazer derivado da execução do que se mostrava como desafio, e isso a move adiante, situando a frustração no passado, “sou meio perfeccionista. Eu não sabia que tinha isso”.

Elaine resolveu escrever um livro sobre a sua vida como forma de resgatar a sua identidade. Percebe que é importante saber quem é, “demorou muito tempo para habituar com a idéia de ir atrás da minha história. Porque eu acho que eu não tinha curiosidade ou, se tinha, **não tinha coragem de perguntar**. Agora eu já penso de uma outra forma, já procuro analisar alguns fatos” [grifos nossos].

Hoje, ela reconhece sua condição de artista e se orgulha de ser vista assim, e não como uma deficiente, “[...] **é muito bacana ver que as pessoas valorizam, não só por ser uma deficiente que está pintando, é a Elaine, é a Elaine ser humano, Elaine sensível, Elaine briguenta, teimosa, entendeu, não é a Elaine deficiente**” [grifos nossos].

Elaine reconhece que está crescendo profissionalmente, “eu tenho percebido que realmente eu estou crescendo na parte de arte, estou vendo que estou crescendo cada dia, **quem diria que eu teria um quadro no MASP, ou seis quadros na Suíça**” [grifos nossos].

Seu universo foi aumentando, junto com a vontade de expandir seus contatos. A Internet é hoje o canal de Elaine – a menina que dependia da tia Leni para conversar – para o mundo. Ela quer participar e fazer as coisas como todas as pessoas fazem, e nesse processo, volta a ser criança e tem que aprender novamente, “eu fui descobrindo isso através da Internet, na Internet eu me ferrei muito, ao mesmo tempo que a Internet abriu horizontes. [...] só que eu estou no mundo, dentro de um hospital, só que eu estou no mundo, eu tenho que saber, não adianta você proteger uma

Educação

criança do perigo [...] então eu apanhei muito, ainda apanho, foram acontecendo mil coisas para eu realmente me afastar. Depois de um tremendo vício que eu estava, às vezes a professora chegava e eu estava com o computador do lado, só estudava pela Internet”.

Na rede, Elaine poderia ser o que quisesse, mas opta por defender sua identidade conquistada, de artista-deficiente, “[...] na semana passada eu estava conversando com uma pessoa na internet e ela não acreditou que eu estava teclando com a boca, que eu moro no hospital, que sou deficiente. A internet te dá o mundo nas mãos para você fazer o que quiser. As pessoas estão tão acostumadas com mentiras que quando chega uma pessoa que fala a verdade, acham que está brincando. Eu não sei o que ser na Internet”.

Elaine sabe que as pessoas têm curiosidade, e enfrenta corajosamente o fato de ser ‘diferente’ duplamente, provocando estranheza nas pessoas, “há um tempo atrás eu ficava meio ‘bicho do mato’, se não gostava de alguma pessoa, já olhava feio, procurava encarar a pessoa, deixar a pessoa sem graça, sabe tipo aquela coisa: só vem ver por curiosidade, só veio ver o animal que está em extinção, como muitos até hoje. Muitos vêm aqui para ver se existe, que tem casos de poliomielite no Brasil, sobreviventes, praticamente os únicos, sei lá, no mundo”.

Diferença que parece desaparecer quando está com amigos sinceros, “[...] os que são amigos mesmo, me vêem como uma pessoa normal, um ser humano que tem defeitos e qualidades, que sonha, que chora, que sente que brinca e que luta”.

Identifica claramente a diversidade de reações que provoca, também por ser duplamente diferente, “os estranhos podem até me ver como uma pintora, mas tem aquele lado de ‘coitadinha’. Então tem pessoas que me vêem como coitada, ou então: ainda bem que não é comigo. Eu percebo muito em shopping, tem muito movimento, uma maca é estranho. As pessoas olham estranho, outras não olham, esbarram na maca e eu peço desculpa, mas **a pessoa nem olha. Não quer ver**, é estranho. [...] E tem aquelas que reconhecem”. “Olha! **puxa, aquela pintora**. É aquela que eu vi na televisão, ou no jornal” [grifos nossos].

Educação

Apesar das dificuldades e preconceitos, Elaine procura entrar em contato com a vida e aproveitar os raros momentos em que pode sair, “então é assim, **tentar encontrar formas para viver**, para se divertir, apesar da dificuldade. Na infância eu tinha aquela fase de revolta, de não entender o que estava acontecendo, porque tanto tempo no hospital, porque tantas crianças indo embora e eu ficando” [grifos nossos].

Em resumo, um acontecimento marcante na vida de Elaine levou-a a ter uma deficiência física, exigindo cuidados especiais e determinando seu confinamento físico. Devido à gravidade da situação, ficou impossibilitada do convívio dos pais e da família, não pode ter uma vida ‘normal’ em casa, como outras crianças. Os pais ficaram impotentes diante da situação, não conseguindo fazer parte do seu dia-a-dia e estar presentes para cuidar dela e educá-la. No entanto, Elaine teve pessoas significativas que participaram efetivamente de sua vida dentro do hospital, com quem desenvolveu forte ligação emocional. Ao perceber que era diferente, revoltou-se. Procurando uma atividade, descobriu-se pintora talentosa e reconhecida. Sua habilidade permitiu a identificação de uma outra Elaine, produtiva, criativa. O trânsito entre as duas situações vividas vem permitindo que ela se reconheça em ambas, apropriando-se de uma existência mais abrangente, não mais confinada existencialmente.

Através da arte, ela aprendeu a enfrentar sua deficiência física, aliviando as tensões e frustrações. Nesse processo, em que ela produz o mundo e a ela própria, Elaine constitui sua identidade. Foi descobrindo que gosta de pintar, e através da pintura ela se expressa. Em seus quadros ela cria, revela-se, sensibiliza-se, reencontra-se com o mundo, com as outras pessoas, que a respeitam e admiram pelo seu talento.

A capacidade de pensar e viver criativamente todos os dias é uma conquista diária por meio da qual ela intui e sente, cria oportunidades e se encontra. Criar não é um processo mágico, e sim um processo subjetivo de mudanças, desenvolvimento e organização da vida interior.

Descobrir a si mesmo não é simples. Descobrir-se criativo significa trilhar um caminho, e como um processo contínuo, esta criatividade lança-se como desbloqueadora de obstáculos, proporcionando a possibilidade de re-construção da identidade.

Educação

DOTAÇÃO E ADEQUAÇÃO PESSOAL

Tomamos emprestado esse subtítulo, usado pela colega Zenita Guenther em seu livro “Desenvolver Capacidades e Talentos” (2000, p. 99-100), para finalizar esse artigo falando sobre alguns aspectos pessoais que favorecem a apropriação e o desenvolvimento de talentos:

Um fato corriqueiro na nossa vida diária, comum, é que, olhando ao nosso redor, e observando as pessoas vivendo cada uma a sua própria vida, podemos verificar que certas pessoas são notavelmente mais “adequadas” do que as outras, isto é, conseguem captar, perceber e colocar melhor os problemas que têm de enfrentar, abordam as situações da vida de maneira mais efetiva e eficiente, e conseguem maior grau de satisfação e sucesso, tanto na resolução dos problemas com que se deparam, como na orientação geral de sua vida.

Impossível ler esse trecho e não lembrar do caminho percorrido por Elaine em direção à auto-atualização, a partir das condições mais adversas que alguém pode enfrentar.

A noção de adequação, desenvolvida no seio da Psicologia Humanista, é muito pertinente aqui, depois de observarmos como, paulatinamente, Elaine foi ampliando seu mundo, suas relações, seu horizonte existencial, a partir do reconhecimento e do desenvolvimento de suas habilidades. De menina enfezada e calada, passando pela criança revoltada com a própria sorte, pudemos acompanhar o nascimento de uma pessoa íntegra, consciente de suas limitações, mas não condenada a se deixar aniquilar por elas, e sim disponível para crescer e amadurecer, tomando para si a tarefa e o prazer tanto de realizar-se profissionalmente quanto de ampliar seu acesso ao mundo, anteriormente restrito.

Usamos, para encerrar nossos argumentos, novamente, as palavras de Guenther (2000, p. 101):

Desse estilo de ser e viver deriva um autoconceito positivo, confiança em si e na sua condição básica como ser humano, conhecimento efetivo de suas características, qualidades e defeitos, integrados em um amplo projeto de vida, no qual sua própria melhoria, como pessoa, está presente a cada momento, nas interações e trocas dinamizadas dentro de seu mundo físico e social, em todo processo de ser, viver e conviver.

Educação

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, E.; FLEITH, D. *Superdotados: determinantes, educação e ajustamento*. São Paulo: EPU, 2001.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In LANE, S.; CODO, W. (Orgs.) *O homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- GILES, T. *História do existencialismo e da fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1979.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63 mar./abr.1995.
- GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GUENTHER, Z. C. *Desenvolver capacidades e talentos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LOWENFELD, V. *Desarrollo de la Capacidad Creadora*. Buenos Aires: Kapelusz, 1961.
- MUSIL, R. *O homem sem qualidades*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- SELIGMAN, E. S. *Desgaste Mental no trabalho Dominado*. São Paulo: Cortez, 1994.

¹ Para preservar a privacidade, os nomes mencionados por Elaine, assim como o dela mesma, foram trocados.

² Pedro tem 32 anos, em sua infância teve poliomielite, é tetraplégico e mora no mesmo quarto que Eliana.